



**FAEMA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE  
TAILOR ALVES CABRAL**

**CONTOS DE FADA:  
UMA FERRAMENTA TERAPÊUTICA**

ARIQUEMES - RO  
2013

**TAILOR ALVES CABRAL**

**CONTOS DE FADAS:  
UMA FERRAMENTA TERAPÊUTICA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e licenciado em psicologia.

Orientadora: Drnda. Ana Claudia Yamashiro Arantes

Ariquemes - RO  
2013

**TAILOR ALVES CABRAL**

**CONTOS DE FADA:  
UMA FERRAMENTA TERAPÊUTICA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em psicologia.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Orientadora: Drnda. Ana Claudia Yamashiro Arantes  
FAEMA

---

Orientador: MS. Roberson Geovani Casarin  
FAEMA

---

Orientador: Adriana Garcia Couto Sousa  
FAEMA

Ariquemes, 25 de de 2013

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer antes de tudo a Deus que tanto me ajudou nos momentos mais difíceis, sendo minha base, minha fortaleza. Também agradeço a minha família em especial minha mãe e irmã que tanto lutaram para que eu conseguisse alcançar a graduação, amo vocês. Minha esposa que com a sua paciência de Jô soube respeitar o tempo que dediquei a graduação, te amo muito. A FAEMA em especial a minha orientadora Ana Cláudia que tanto me ajudou me acompanhando na construção desse trabalho, ao Coordenador do curso de Psicologia Roberson Casarin que sempre lutou por este curso, sou grato também a todos as amizades construídas durante estes cinco anos de estudo, as quais tiveram grande contribuição em toda esta trajetória, e por fim o agradecimento especial fica ao Sigmund Freud que constitui-se no criador da psicanálise, esta ciência, que provocou em mim uma paixão imensurável.

## RESUMO

Este trabalho busca elucidar a utilização heurística dos contos de fada na psicoterapia analítica e psicanalítica. Para tanto, apresenta uma revisão teórica que pretende perscrutar suas origens, os desenvolvimentos dos contos de fada ao longo do tempo, a fim de vislumbrar como os principais autores em psicanálise entenderam a influência que as adaptações dos mesmos exercem no imaginário. Desta forma, os contos de fada passam a ser examinados pela literatura psicanalítica de modo a fomentar identificações projetivas, na medida em que os personagens desenrolam na trama seus dilemas existenciais e conflitos familiares, circunstanciando a angústia em diversas etapas da vida - e não exclusivamente na infância. Isso torna os contos de fada ferramentas terapêuticas capazes de elucidar os conteúdos inconscientes de uma forma simbólica, capaz de circunstanciar a angústia. Após esta delimitação teórica, apresentamos a análise do conto do *patinho feio*, a fim de exemplificar de que forma a identificação do leitor com a personagem torna-o capaz de empreender, de forma inconsciente, o caminho rumo à superação.

Palavras chave: CONTOS DE FADAS; PSICOTERAPIA INFANTIL; PSICANÁLISE; PSICOLOGIA ANALÍTICA

## **ABSTRACT**

This paper seeks to elucidate the use of heuristic fairy tales in analytic psychotherapy and psychoanalysis. It presents a theoretical review you want to peer into their origins , developments of fairy tales over time in order to discern how the main authors in psychoanalysis understand the influence that the adaptations of the same exercise in imagination . Thus , fairy tales are being examined by the psychoanalytic literature to foster projective identifications , to the extent that the characters in the plot unfold their existential dilemmas and family conflicts , detailing the anguish in various stages of life - and not only in childhood. This makes fairy tales therapeutic tools capable of elucidating unconscious contents in a symbolic way , able to state in detail the anguish . After this theoretical demarcation , we present an analysis of the tale of the ugly duckling , to exemplify how the reader's identification with the character makes it able to undertake , unconsciously, the path to overcoming .

Keywords: FAIRY TALES; Psychotherapy, Psychoanalysis; ANALYTICAL PSYCHOLOGY

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVO.....</b>	<b>12</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	12
2.2 OBJETIVO ESPECIFICOS.....	12
<b>3. ORIGEM DOS CONTOS DE FADA.....</b>	<b>13</b>
3.1 PRINCIPAIS AUTORES.....	17
3.2 CARACTERÍSTICAS DE UM CONTO DE FADAS.....	20
<b>4. CONTOS DE FADA NA PSICANÁLISE E NA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....</b>	<b>24</b>
4.1 CONTOS DE FADA E A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERNOS.....	29
4.2 PRINCIPAIS PESQUISADORES.....	31
<b>5. CONTOS DE FADA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA .....</b>	<b>33</b>
5.1 PRINCIPAIS AUTORES.....	39
<b>6. ANÁLISE DO CONTO DE FADA: PATINHO FEIO.....</b>	<b>42</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>8. REFERÊNCIA.....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Os homens sempre buscaram respostas para seus dilemas. Através dos anos, foram criando histórias, mitos e lendas para explicar sua existência e, de alguma maneira, amenizar suas angústias. A partir desta criação, os homens projetavam seus problemas, suas crises existenciais e seus conflitos familiares. Com o passar do tempo, na medida em que a sociedade foi se tornando mais intelectualizada, estas histórias passaram a ganhar estruturas mais reais. No geral, visavam explicitar desejos bons e ruins, cenas de homicídio, inveja, ciúmes, sexualidade, e diversas emoções humanas. A identificação com as personagens tem, em primeira medida, a função de estimular a reflexão moral, uma vez que os resultados dos enredos apresentam consigo os ideais valorizados por uma época. Mas a possibilidade de identificação com as personagens não se resume ao dilema moral - mais apreensível no caso das *fábulas*; de acordo com a psicanálise, não se trata apenas de veículo moralizante, mas de discursos capazes de proporcionar uma vivência simbólica das angústias e dilemas vivenciados no conto - e tal inscrição permanece no campo do simbólico pois alude à estruturas inconscientes da psique, e, por isto mesmo, não apreensíveis desta feita pela linguagem referencial dos sentimentos do ouvinte.

Ao longo do tempo, acompanhando as transformações mesmas do conceito de infância, as histórias passaram a se adaptar ao mundo infantil. Não deixaram de lado, no entanto, suas raízes e conflitos; as tragédias foram ganhando um novo enredo: um mundo mágico e maravilhoso, com reis, rainhas, animais falantes, madrastas malvadas, fadas e bruxas, personagens que encenam o confronto entre o bem e o mal a partir do qual sempre o triunfo é dos heróis. Não causa surpresa que o enredo instigue a imaginação, especialmente das crianças.

Embora os contos de fadas estejam presentes em longa data na cultura ocidental, este propósito heurístico fora traçado a pouco tempo, através da psicanálise. O próprio surgimento da psicanálise marca a proximidade com o propósito heurístico dos contos, na medida em que ela busca empreender uma investigação “arqueológica” da psique, a fim de apaziguar as angústias humanas.



Sigmund Freud partiu do pressuposto de que, quer nas histórias reais, quer nas fantasiosas, cada indivíduo busca amenizar seus dilemas existências. A partir disso, a psicanálise passou a interpretar as manifestações sociais da época, tais como obras de arte pictórica e literária, como o próprio Freud fizera ao longo de sua obra<sup>1</sup>. A partir disso, os psicanalistas passaram a interpretar as manifestações sociais da época - as obras de artes literárias e pictóricas - interpretando seus conteúdos manifestos a fim de desvendar os desejos latentes que motivaram seus autores. Descobriu-se, então, que as produções do sujeito além de proporcionar, em seu ato de produção, uma amenização das angústias recalcadas, abriam acesso aos conflitos psíquicos que investiram sua produção, e que, com isso, também eram amenizados.

A proposta desse trabalho, intitulado “Contos de fadas como ferramenta terapêutica Infantil: Uma revisão Bibliográfica” é a de assegurar que essa grande descoberta feita há anos da função terapêutica dos contos se mantenha viva até atualidade. Isso confere a eficácia dos contos de fadas como uma ferramenta terapêutica, denotando uma função que é muito maior que divertir a criança e estimular a sua imaginação.

Portanto, este trabalho visa enfatizar a função heurística dos contos de fada como uma ferramenta terapêutica: a função mesma de facilitar a transição dos conteúdos inconscientes para a representação consciente, através de mecanismos de defesa de projeção e identificação. Os contos de fadas, de forma lúdica, auxiliam na resolução de conflitos familiares, dilemas existenciais e outras angústias humanas. A criança, quando escuta o conto, se identifica com as personagens e vê ali uma válvula de escape para aliviar seus conflitos, sem transformá-los em ato.

Este trabalho se realizou através de uma pesquisa bibliográfica, a qual teve como foco prioritário contextualizar a utilização dos contos como ferramenta terapêutica. Sob este objetivo, o primeiro capítulo do trabalho abarca a historicidade dos contos de fada e sua trajetória até a atualidade, fazendo menção aos principais autores responsáveis por adaptar os contos para as crianças. O segundo capítulo contextualiza a relação entre os contos de fada e a psicanálise, de forma a elucidar

---

<sup>1</sup> Em sua análise de Leonardo da Vinci e de Daniel Paul Schreber, por exemplo.

a interação entre os mecanismos de defesa com o manancial simbólico dos contos. O terceiro capítulo o trabalho visa à utilização terapêutica dos contos de fadas com vistas a amenizar os conflitos infantis. Para tanto, citamos os principais pesquisadores que compreenderam os contos de fada como uma ferramenta terapêutica capaz de diminuir os conflitos internos, infantis e, por quê não, adultos. Apresenta, ainda, a análise de um dos contos muito populares no universo infantil: “O patinho feio”, com vistas a exemplificar seu uso como ferramenta terapêutica de resiliência frente à auto-identidade.

## 2. MÉTODO

Este trabalho foi desenvolvido sob a forma de revisão bibliográfica, e pretende vislumbrar a origem dos contos de fadas e a trajetória dos mesmos até a atualidade; rever os principais autores em psicanálise que os consideraram instrumentos psicoterapêuticos; e apresentar, a título de elucidação, o conto do *patinho feio* como ícone da busca de superação às adversidades e de encontro de sua própria identidade.

O material para o trabalho foi adquirido em livros, na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP e da BVSPSIC. A segunda base de dados forneceu material que está indexado no Scielo e no Pepsic. Foram utilizados os seguintes descritores: contos de fada, ferramenta terapêutica psicoterapia infantil. Foram encontrados 50 artigos com os descritores citados acima, em língua portuguesa. Os artigos foram selecionados e alguns descartados por não atenderem o objetivo proposto para a revisão. Nesse caso foram utilizados 30 artigos. Todo material está datado de 1985 a 2013. A avaliação do material a ser utilizado na produção passou pela leitura dos resumos e posteriormente leitura integral dos textos e preparação das fichas de leitura.

## **Objetivo Geral**

Elucidar a utilização heurística dos contos de fadas na psicoterapia analítica e psicanalítica.

## **Objetivos específicos**

- Pesquisar a origem dos contos de fadas;
- Analisar os principais autores que utilizaram os contos de fadas como ferramenta terapêutica;
- Analisar a história do Patinho feio e demonstrar como o conto de fadas constituem-se como fontes de satisfação a desejos inconscientes, e ao mesmo tempo, organizam a elaboram conflitos psíquicos.

### 3. A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Desde o início de sua existência, o homem tem buscado formas de se conhecer e conhecer o mundo que os rodeia, criando histórias, lendas e mitos que, de maneira simbólica ou realista, lhe traduziam sua condição humana, influenciando em seu equilíbrio psíquico. Sendo assim, nota-se que essas histórias - mesmo com diferentes denominações - já existem há muitos anos, e com o passar do tempo continuam perpetuando-se no imaginário humano. É essencial destacar que essas narrativas inicialmente não se vinculavam ao mundo infantil, sendo ofertadas para todos. Porém com passar do tempo, ganham novos desfechos, e encantamentos, tocando o público infantil de forma prioritária. A partir daí nascem os contos tais como foram adaptados e idealizados para crianças. Portanto, a busca dos fundamentos históricos dos contos é subsidiada pela necessidade de salientar o efeito dessas narrativas no tocante à subjetividade infantil; assim:

A obra de Bruno Bettelheim foi à pedra fundamental da produção analítica sobre os contos de fadas, ensinando-nos os mecanismos de sua eficácia na vida das crianças. Podemos inclusive dizer que seu texto foi decisivo para a legitimação dos contos de fadas enquanto dignos de fazer parte da formação das crianças contemporâneas. Vivemos tempos muito psicológicos, nos quais há uma preocupação *a priori* com os efeitos de todo o estímulo que se oferece às crianças. Bettelheim elevou os contos de fadas ao estatuto de recomendáveis, o que certamente também contribuiu de alguma forma para sua sobrevivência e popularidade.(CORSO E CORSO; 2006, p. 26)

Os contos de fada, também denominados por Propp (2003) apud Costa (2003) de contos maravilhosos, vislumbram elementos extraordinários, surpreendentes e fantásticos, não tendo necessariamente de conter em seu contexto as fadas, assim como o nome parece sugerir.

Os contos de fada, por muito tempo, foram transmitidos de geração a geração de forma oral, sem comportar registros escritos, e exercendo a função inconsciente de amenização dos conflitos internos e externos. Não foram todos os contos que sobreviveram até a atualidade, pois muitos deles perderam-se no tempo, por terem sido criados com o intuito de desvendar razões mitológicas nas cosmogonias

culturais. Uma vez que as visões de mundo mudam e se pautam em outros fundamentos explicativos, estes mitos deixaram de ser transmitidos.

Muitas são as pesquisas que abordam essa modalidade de literatura, vislumbrando a construção de um conhecimento cada vez mais amplo. Nesse aspecto, os contos de fadas contribuíram e influenciaram positivamente culturas em várias gerações, eternizando-se até mesmo na atualidade.

Os contos de fadas, especialmente, têm encantado várias gerações em diferentes países e, antes mesmo de serem registrados pela escrita na forma como os conhecemos,[...] eram responsáveis pela formação coletiva da espiritualidade e da cultura de inúmeros povos (OLIVEIRA, 1993, p. 13-16 ).

Abordar a origem dos contos de fada não é tarefa fácil, pois seu surgimento não se trata de uma unanimidade na literatura. Conforme Von Franz (2008) os escritos de Platão, onde as mulheres mais velhas empregavam suas histórias recheadas de simbologia na educação de crianças. A autora cita Apuleio, filósofo do século II d.C., e seu romance “O Asno de Ouro”, que, em muito, lembra o conto “A Bela e a Fera”. Também no Egito, refere Von Franz (2008), nos papiros dos irmãos Anúbis e Bata, foram encontrados registros de contos de fadas. O intrigante é a característica aparente dos contos de fada que, quase sempre, seguem o mesmo enredo. Isto é mencionado pela autora que tem como referência a teoria do padre Shimidt (1946) *apud* Von Franz (1981), que destaca que os temas desses contos permanecem praticamente inalterados no decorrer dos séculos.

Segundo Coelho, (1987) *apud* Mattar (2007) também significa esta historicidade dos contos de forma interessante, pois, segundo o autor, os primeiros registros dos contos de fadas datam de 4.000 a.C, feitos pelos egípcios, com o “Livro do Mágico”. Na sequência, apareceram na Índia, Palestina (Velho Testamento), Grécia Clássica, sendo o Império Romano o principal divulgador das histórias maravilhosas do Oriente para o Ocidente.

Quanto ao registro material dos contos de fadas pode-se datar seu começo no século VII, que, de acordo com Coelho (1987) *apud* Mattar (2007), nasce com a transcrição do poema épico anglo-saxão “Beowulf”. As fadas foram aparecer na

literatura somente no século IX, no livro de escrita galesa denominado “Mabinogion”. Nele não só surgem as fadas, como a transformação das aventuras reais que deram origem ao Ciclo Arturiano.

No século XIV é que surge, na Europa, segundo Bettelheim (1980), a primeira coleção de contos com motivos do folclore europeu denominado “Gesta Romanorum”, de origem persa, escrito em latim, precedendo a famosa coleção “As Mil e Uma Noites”, do folclore árabe.

No século XVI, de acordo com Coelho (1987) apud Mattar (2007) surge “Noites Prazerosas”, de Straparola e “O Conto dos contos”, de Basile. No fim deste e início do século XVII, o racionalismo clássico perdeu força e deu margem a uma literatura que exaltava a fantasia, o imaginário. Nesta época destaca-se Mme. D’Aulnoy com “Contos de Fadas”, “Novos Contos de Fadas” e “Ilustres Fadas”.

Na Idade Média, esse lastro pagão choca-se, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão e, transformado, chega ao Renascimento. Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido de verdade humana, foram perdendo seu verdadeiro significado e, como simples “envoltório” colorido e estranho, transformou-se nos contos maravilhosos infantis (COELHO, 1987 *apud*, MATTAR, 2007, p. 13)

Inicialmente os contos de fada não eram voltados para o universo infantil, mesmo por que, as histórias traziam contextos com mortes, adultério, roubo, pornografia, etc. Em sua obra Souza (2005), descreve os contos como histórias que retratavam problemas, anseios, crenças do ser humano, definindo o seu futuro. Os contos eram verbalizados por narradores experientes que traziam consigo a experiência dos seus antecessores, por isso eram considerados sábios que definiam o futuro através dos contos.

Segundo Radino, (2001) apud Schneide e Torossian (2009.) as histórias eram narradas em reuniões de família e da comunidade, nas lavouras e nas igrejas, enfim, nos espaços onde os adultos poderiam se acomodar para ouvir e contemplar as histórias. De acordo com Coelho (1987) apud Mattar (2007) foi com a narrativa do russo Vladimir Propp que se deram os primeiros estudos científicos relevantes dos contos, em 1920. Estes demonstraram que as histórias apresentam, apesar da

diversidade, a mesma estrutura: início, ruptura, confronto e superação de obstáculos e perigos, restauração e desfecho.



### 3.1 PRINCIPAIS AUTORES

Vários autores estão envolvidos na criação ou recriação dos contos infantis, empregando-lhes novas roupagens derivadas de suas vivências e também da necessidade de adequações para as crianças, já que anteriormente os contos eram criados para adultos. No entanto, estas mudanças não tiraram a autenticidade das histórias. Passemos aqui a investigar os principais autores responsáveis por retrabalhar os contos infantis.

Iniciando a trajetória do rol dos grandes autores, destaca-se Charles Perrault, que segundo Costa e Baganha (1991) nasceu na França em 1628 e morreu em 1703. Publicou "*Contos de ma Mère l'Oye*" (contos da Mamãe Gansa). A capa do livro ilustrava uma velha fiandeira, fazendo jus à tradição da época onde as mulheres contavam estórias enquanto fiavam. Como a maioria dos escritores da época de Perrault não escrevia para crianças, porém, a partir da adaptação de "A Pele de Asno" o autor revelou grande desejo de escrever para o público infantil, aliando às suas histórias um cunho moral. Suas principais criações são: A Bela Adormecida no bosque, Chapeuzinho vermelho, O barba azul, O gato de botas, As fadas, A gata borralheira, Henrique de topete e o Pequeno polegar.

Diversos comentadores Góes (1991); Lima (2000); Oliveira (2001); Radino (2003); SOUZA(2005) descrevem que Perrault relatava as histórias com base em narrações populares francesas, seguindo as necessidades da corte da época: censurando detalhes de cunho sexual e da religião pagã. Nota-se que as *fadas* em seus contos são personagens pouco presentes. Perrault preferia criar figuras humildes: como lenhadores e aldeões, pessoas comuns.

Aos irmãos Grimm deve-se ainda mais as transformações dos contos para narrativas que perpetuassem, ao invés de castigos cruéis e finais drásticos, histórias carregadas de amor, magia e com finais felizes, demarcando a superação do bem sobre o mal ao empregar nas narrativas aspectos morais carregados de imaginação e suavidade, tornando-os mais adaptados ao mundo infantil. Suas narrativas eram compostas pelas figuras de bruxas, madrastas, príncipes e princesas, entre outros personagens.

Os irmãos Grimm, os quais se chamavam Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), eram linguistas e folcloristas. Por vários anos colecionaram histórias que eram antes transmitidas de forma oral na cultura alemã, viabilizando, assim, caracterizá-las de forma mais fiel possível em registros escritos.

Segundo Pavoni (1989) apud Mattar (2007) os escritos dos irmãos Grimm marcaram-se por duas publicações importantes: O primeiro volume do ano de 1812 e o segundo volume do ano de 1814. A primeira publicação era formada por materiais advindos das cidades de Hessen, nos distritos de Meno e Kinzing, do condado de Hanau - cidade natal dos irmãos Grimm. Já na segunda publicação, as histórias eram em sua maioria lendas contadas pela senhora Viedhmaennin da aldeia de Niedezwehn. Jacob, um dos irmãos, caracterizava-se pelo seu intelecto brilhante, porém Wilhelm possuía uma inspiração poética repleta de entusiasmo, Essas características somadas, atribuíram aos irmãos subsídios essenciais para edição de 210 histórias, sendo as principais: Pele de urso, A Bela e a fera e João e Maria.

Outro autor que merece citação é Hans Christian Andersen (1802-1875), que segundo Coelho (1987) apud Mattar (2007) foi filho de pais humildes: sua mãe era uma excelente contadora de histórias, e isso o influenciou na criação dos seus contos. Andersen é considerado por muito o pai da literatura infantil por ser o primeiro a criar contos diretamente para o público infantil. No ano 1835 Anderson publicou *Histórias Contadas às Crianças*, que continha quatro contos. Desde então, até 1872, o autor escreveu 168 histórias. Seus contos eram inspirados na sua infância difícil, e suas histórias costumavam trazer ensinamentos morais e exemplos de superação. Ainda de acordo com Coelho (1987) apud Mattar (2007) os principais contos de Anderson foram: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha.

Segundo autores que fizeram uma releitura da obra de Andersen Corso e Corso (2006); Lima (2000); Radino (2003); Souza (2005), este bem poderia ser considerado “o pai da literatura infantil”, na medida em que dava vazão à imaginação simbólica da criança por meio de personagens e objetos que ganhavam vida e de bichos que podiam conversar - personagens capazes de viabilizar os sentimentos,

facilitando a identificação da criança com os mesmos. Dentre os contos elaborados por Andersen, O patinho feio é considerado pelos comentadores acima citados como o conto que retratou os conflitos vividos pelo próprio autor.

De acordo com Costa e Baganha, (1989), dos escritores contemporâneos talvez o que tenha mais difundido os contos de fadas foi Walt Disney, que, além de escrever contos e dar-lhes uma releitura, adaptando-os ainda mais à realidade infantil da nossa época, transformou alguns contos em filmes, o que contribuiu ainda mais para sua difusão.

Embora existam vários outros autores que contribuíram para a literatura infantil, dentro da delimitação deste trabalho mencionemos somente estes. Embora possamos com isso cometer injustiças, julgamos que estes nos proporcionam a contextualização das dimensões básicas para que possamos seguir com o que trabalho necessita abordar.

### 3.2 CARACTERÍSTICAS DE UM CONTO DE FADAS

O que faz o conto de fadas ser diferente das demais obras literárias? Nesse ponto é imprescindível esclarecer o que é necessário para uma obra literária ser considerada um conto infantil. Sendo assim, vale destacar que um conto precisa adentrar no imaginário infantil e trazer a essência deste mundo dinâmico e mágico vivido pela criança, ajudando-a a vencer seus problemas emocionais através de uma relação estabelecida entre sua vida e o imaginário configurado no conto infantil.

De acordo com Coelho (2003), as narrativas infantis são constituídas por uma problemática moral, existencial e ética, ligada à subjetividade do indivíduo basicamente por intermédio de conflitos familiares e existenciais; propõem vencer obstáculos através do amor, da força de vontade, da coragem dos heróis, o que abre espaço para as crianças imaginarem e fantasiarem situações que possam se assemelhar à sua, despertando-lhe curiosidade sobre como o herói conseguirá vencer as adversidades as quais enfrenta.

Cashdan (2000) delimita as quatro etapas apresentadas pelos contos de fada: a travessia, a viagem ao mundo mágico; o encontro com o personagem do mal ou o obstáculo a ser vencido; a dificuldade a ser superada; e a conquista (destruição do mal), a celebração da recompensa. Estas etapas são vivenciadas pelas crianças como se fossem elas mesmas enfrentando o mal, e este muitas vezes simboliza a vivência das próprias crianças. Sendo assim, o enredo do conto contribuiu-lhes diretamente para a resolução dos conflitos psíquicos.

Para Caldin (2002); Oliveira (2001); Radino (2003); Bettelheim (1980), os contos se diferenciam das demais literaturas por apresentar características como magia, herói e heroína e obstáculos, que são apresentados de forma sucinta e são enfrentando com muita coragem e ajuda de personagens fictícios, tais como animais e objetos. No fim, a resolução do problema traz como prêmio ao personagem nada mais, nada menos, do que a felicidade eterna.

É interessante observar os personagens que ajudam o herói ou a heroína a enfrentar seus dilemas e vencer o mal; esses personagens sempre orientam os heróis de uma forma sadia e positiva, encorajando-os e potencializando suas características.

Para Bettelheim (1980) e Radino (2003), os personagens dos contos de fadas que adquirem vida, como tapetes voadores, ovos de ouro, animais falantes e etc... instigam a mente humana a fantasiar e interagir com as personagens principais. Outro ponto interessante dos contos de fada é que os mesmos sempre se passam em lugares desconhecidos e atemporais, fora da realidade que todos costumam viver.

A dimensão do maravilhoso cria um imenso teatro de possibilidades nas histórias: tudo pode acontecer. Essa ausência mesmo de fronteiras serve ao propósito moral dos contos, que é precisamente ensinar onde se encontram os limites. O sonhar proporciona prazer por si mesmo, mas também representa uma dimensão prática da imaginação, um aspecto da faculdade do raciocínio, e pode abrir possibilidades sociais e públicas (WERNER, 1999, *apud* COSTA, 2003, p.12)

Os contos são atemporais: “Era uma vez..., num reino muito distante”; “Há muitos e muitos anos...”. Esta delimitação imprecisa facilita a compreensão da criança, afastando os conflitos dos contos da sua realidade; e, conforme o enredo se desenrola, a criança vai se adaptando à realidade do conto para chegar ao final, que, na maioria das vezes, é um final feliz, aliviando assim a angústia da criança, proporcionando-lhe um alívio através do suposto “*final feliz*”. “Nos contos de fadas, a realidade é dicotômica, mas marcha inevitavelmente para a imposição do bem sobre o mal, instaurando uma ordem que deve ser imutável”. (ZILBERMAN,1981, *apud* COSTA, 2003, p.13).

Outra característica, e talvez a mais marcante, dos contos de fada, é que as situações ocorridas são sobrenaturais e os seres são imaginários; isto significa que as personagens não podem agir *diretamente* no leitor e nem no ouvinte, afinal de contas - ao contrário da vida real - no universo mágico dos contos de fadas tudo é possível.

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito.

Não é uma atitude para os acontecimentos contados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos. Os contos de fada e a ficção científica são algumas das variedades do maravilhoso (TODOROV, 1970 apud COSTA, 2003, p.15)

Sobre as paisagens que mais aparecem nos contos de fada, Góes (1991) menciona que oferecem detalhes sucintos, para que a criança possa criar em seu imaginário o seu melhor cenário. “Um lugar nunca detalhado com precisão, mas referido em poucas palavras, deixando antever esse país de maravilhas bem fora do tempo e do espaço” (GÓES, 1991, p. 117).

As personagens marcam, na estrutura dos contos de fadas, um lugar dicotômico: são bons ou ruins, ricos ou pobres, e, dependendo da sua característica, têm um final feliz ou drástico.

Em geral, [as personagens] são poucas e apresentando grande unidade; às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo com atuam são sempre extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros (GÓES,1991,p.116).

Alguns contos têm a presença marcante de animais falantes ou de personagens que foram transformados em animais.

Ora como encarnação de homens, transformados em animais pela ação da mágica de fadas e bruxas, ora como animais com atributos humanos, que servem para ajudar, perseguir, salvar ou julgar os homens. (SANTOS, 1971 apud COSTA, 2003, p.15)

Os contos de fadas são carregados de situações reais como conflitos familiares, amores não correspondidos, dificuldades existenciais; entretanto, estes dilemas são camuflados através de bruxas, ogros, madrastas entre outros. Cada detalhe do conto é importantíssimo para o entendimento da criança o seu enredo deve ser mantido com seus dilemas e problemas existenciais. Por isto:

Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto. Por isso se condena tanto o que Walt Disney fez com os contos de fadas. Ao adocicá-los, pasteurizá-los, ao retirar-lhes os conflitos essenciais, tirou também toda a sua densidade, significado e revelação (ABRAMOVICH, 1997, apud Costa, 2003, p.53)

Como vimos até agora, os contos devem conter algum elemento imaginário, encantado, maravilhoso; se é uma fada, um ogro ou uma bruxa, não importa. O que perpetua no imaginário infantil são os significados que cada criança, à sua maneira, confere às personagens.

#### 4. CONTOS DE FADAS NA PSICANÁLISE E NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A psicanálise, desde seus primórdios, vem procurando meios de acessar materiais inconscientes, quer por meio da associação livre, quer dos sonhos e das manifestações somáticas no sintoma. Ao longo da obra freudiana e através das investigações dos pós-freudianos, a psicanálise passa a colocar relevo nos elementos pertencentes à cultura, como origem e os significados dos mitos, das lendas e principalmente, dos contos de fadas, que é o ponto que nos interessa.

Gutfreind (2003), afirma que foi com a Psicanálise que os contos de fada passaram a ser estudados cientificamente. Bettelheim (2002), afirma que, de forma semelhante aos sonhos, nos contos de fadas haveria uma ligação entre a vida acordada “consciente” e o conteúdo onírico “inconsciente”, partindo assim ambos para um caminho rumo ao inconsciente. Gutfreind (2003) afirma, amparado nas contribuições da teoria freudiana, que os contos revelam conteúdos manifestos do psiquismo humano. Freud não se dedicou a analisar os contos de fada, no entanto, segundo Hisada (1998) apud Schneider (2008.) ao analisar um sonho fez uso do conto “O Pequeno Alfaiate”, de autoria dos irmãos Grimm, como subsídio para interpretar os afetos existentes nos sonhos. Freud então percebeu que os contos de fada são similares aos dilemas humanos. O autor cita que Freud (1990) analisa algumas passagens de outros contos de fada, fazendo uma analogia à história de *Peter Pan* e a “terra do nunca” com a atemporalidade pertencente ao inconsciente; de *O Chapeuzinho Vermelho* (1918), compara a figura do lobo mau com a figura paterna, e da *Roupa Nova do Imperador*, analisou como desejo sexual, infantil, de exhibir-se nu.

Seguindo Freud, muitos psicanalistas passaram a interpretar os contos de fada. É possível dividi-los em dois grupos: o *grupo dos pós-freudianos*, que comporta um número maior estudiosos, cujas pesquisas vêm crescendo muito enfatizando a importância dos contos de fadas no universo psíquico infantil. Dentre esses estudiosos, o pioneiro e talvez o pesquisador que mais se destacou é o psicanalista austríaco Bruno Bettelheim. Em sua obra “*A Psicanálise dos Contos de Fada*” (1980), foi o primeiro a publicar sobre o tema, analisando os contos de fada e



interpretando os seus significados. Sua obra é até hoje considerada a obra prima do tema. O segundo grupo, o grupo dos junguianos, surge a partir das contribuições do analista Carl Gustav Jung; neste grupo, destaca-se a analista suíça Marie-Louise von Franz que publicou vários trabalhos sobre o tema, entre eles a “Interpretação dos contos de fada”.

Segundo Jung (1976) apud Costa (2003) nos mitos, lendas, ou em qualquer outro material mitológico mais elaborado obtêm-se as estruturas básicas da psiquê humana, através da grande quantidade de material cultural ali depositado. Nos contos de fada esse material é mais simples e esboça uma imagem arquetípica mais clara. Nas lendas e nas sagas locais, o herói da história é o próprio indivíduo, cujos sentimentos e reações são relatados. Nos contos de fada, o herói abstrato é estereotipado, esquemático. Nas sociedades primitivas, as sagas locais se ampliam porque não se guarda segredo de nada, fazendo com que elas sejam constantemente completadas, gerando invasões do inconsciente coletivo no campo de um único indivíduo. Já com os contos de fada:

Assim como com os sonhos, podemos interpretar seu conteúdo em termos subjetivos, em que todos os símbolos retratam aspectos da psique de uma única pessoa, mas também podemos compreendê-los em termos objetivos, na medida em que estejam associados a condições e relações do mundo exterior. (JUNG, 1976, *apud* COSTA, 2003, p.44).

Através das pesquisas realizadas na obra desse analista, percebe-se a verdadeira função dos contos de fada: o conto serve como uma ponte para acessar aos conteúdos inconscientes, seja da criança ou mesmo do adulto. Através das revisões feitas até então, surgem-nos os seguintes questionamentos: O que os contos de fada despertam no imaginário infantil? Porque as crianças os consideram tão importantes a ponto de fazer com que seus pais tenham que reconta-los inúmeras vezes? Porque alguns contos sobreviveram e perduram através dos séculos? Qual o impacto que esses contos têm sobre os ouvintes?

Segundo (ABRAMOVICH, 1997, *apud* COSTA, 2003, p.53):

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu. Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar [...] Porque todo esse processo é vivido através

da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...).

Bettelheim (2002) afirma que impacto que os contos causam nos ouvintes só é possível devido ao fato destes contos terem a capacidade de distrair e esclarecer as angústias e de uma forma inconsciente. A partir da identificação que a criança tem com o herói conforme o desenrolar do enredo, começa a fantasiar e, na sua imaginação, o ouvinte passa a sofrer e se emocionar, até que no final do conto se realiza a vitória do herói.

Alguns contos despertam um maior interesse nas crianças que outros. Estes efetuam uma identificação e produzem certo alívio de suas angústias; além disso, estimulam a imaginação da criança, fazendo com ela crie cenários, personagens e situações específicas.

O conto, como refere [...] tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções [...]. (BETTELHEIM, 2002, p.11).

O conto de fada proporciona um suporte para criança decifrar seus dilemas. Através da identificação com as personagens e os conflitos vividos com muita coragem e sabedoria, culminando na vitória sobre o mal, o ouvinte sente-se minudo do mesmo potencial de vitória sobre seus dilemas e conflitos intrapsíquicos.

O conto personaliza e externaliza controladamente o mundo externo [...] oferecendo personagens nas quais elas [as crianças] podem personalizar os desejos destrutivos numa só figura, ir buscar satisfações desejadas a outras e identificar-se ainda com uma outra [...]. Falam da busca da totalidade psíquica, da plenitude do ser, a individuação: [...] as histórias falam ao seu ego nascente, encorajando o seu desenvolvimento, enquanto, ao mesmo tempo, aliviam tensões pré-conscientes ou conscientes [...].(COSTA et al, 2005, p.76).

Através do conto de fada a criança acessa conteúdos inconscientes que seria difícil ser acessado por outras atividades. Para Cashdan (2000) diferente da ideia original dos contos que era a transmissão de uma de uma moral, hoje, através dos estudos psicanalíticos, a principal característica do conto é o fornecimento de modelos de identificação. Bettelheim (2002) afirma que a criança nem sempre se identifica com o herói por suas qualidades positivas ou com os vilões pelos seus atos maldosos. Tanto Bettelheim (2002) quanto Cashdan (2000) concordam que no

conto de fadas o menos importante é o aspecto moral. O que produz emoções nos ouvintes são as identificações que a criança tem com o personagem que leva a uma projeção inconsciente do sujeito para o personagem.

Outra importante contribuição dos contos de fadas para o ouvinte e o desenvolvimento da sua auto-estima é que muitas vezes a criança se sente indefesa perante os seus dilemas, enquanto o herói vence atravessando todas as barreiras; então a criança vê ali uma possibilidade de vencer também. Para Bettelheim (2002) o conto estimula a confiança da criança; a mesma passa a acreditar no seu potencial e que também pode vencer. Esta característica do conto fornece uma base de apoio para que a criança se sinta fortalecida; sendo assim, os contos de fada são um recurso valioso na construção da autoestima e da personalidade da criança, componente necessário para que a resiliência possa ter vez. Para Cashdan (2000) através das batalhas e perseguições existentes nos contos o enredo é assimilado no mundo interior da criança, e a partir disso o conto passa a exercer a função de válvula de escape.

Na teoria Junguiana, os contos de fada sempre tiveram maior relevância devido à sua simbologia relacionada aos conteúdos inconscientes. Von Franz (1990), afirma que o conto de fadas é uma representação arquetípica na sua forma mais genuína. Para a autora, as representações arquetípicas encontradas nos contos fornecem as melhores indicações para o entendimento das conexões que circulam na psique coletiva; são os contos que mais refletem as estruturas básicas da psique, comuns a todos os seres. Em todo conto encontramos os heróis, que divergem de acordo com a cultura, mas todos encerram a possibilidade de se resgatar o herói - ou seja, resgatar a si-mesmo - perdido nas camadas mais profundas do inconsciente. Segundo Silveira (1994) os contos de fada são como sonhos, representações dos conteúdos latentes; o diferencial entre eles é que, na maioria das vezes, no sonho o conteúdo inconsciente é de cunho pessoal, e já nos contos de fada são carregados de tramas comuns a todos os seres humanos, comportando nitidamente uma dimensão arquetípica.

Ao ouvir ou ler os contos o psiquismo da criança se desenvolve, primeiramente porque ela tem o desafio intelectual de compreender uma narrativa tão rica e cheia de personagens fantasiosos em ambientes diferentes da nossa

realidade; além disso, também desenvolve a sua personalidade, amadurecendo, pois segundo Tanouye (2005) através dos contos a criança vivencia a morte, a luta entre o bem e o mal, a inveja, e tanto outros dilemas humanos; no entanto, no fim, sempre o desfecho da história tem um final feliz. Para Tanouye (2005), esse seria o motivo pelo qual as crianças querem escutar as mesmas histórias varias vezes, pois a usam como referência para compreender os seus conflitos e superá-los.

A moral dos contos de fadas é quase sempre que a vitória não existe sem dificuldades, ou seja, não há vitória sem sacrifício, de forma que devemos enfrentar os obstáculos para vencer. Os contos auxiliam a criança a superar suas angústias, medos e inseguranças, pois através do simbólico representado pelo lúdico a criança enxerga possível soluções para tais obstáculos. Este comentador ressalta que Bettelheim (2002) atribuiu às personagens lobo mal e a bruxa, representações do mal no psiquismo infantil; essas personagens que antes eram vivenciadas como pessoas reais agora são personagens a serem vencidas.

Para Bettelheim (2000) e radino (2001) os encantamentos das crianças pelos contos deve-se ao ato quase mágico do contador da história, que dá vida para a história, e possibilita ao ouvinte viver profundamente as emoções instigadas pelos contos.

## 4.1 CONTOS DE FADA E A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERNOS

É na fantasia, que muitas vezes projetamos no outro as nossas próprias deficiências, por isso os ouvintes identificam-se com os personagens do conto, na medida em que essas personagens não tem nome, identidade própria, e assim podem emprestar sua psique ao ouvinte.

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de relação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. Portanto, o próprio jogo de ficção pode ser responsabilizado, parcialmente, pelo fascínio que [o conto de fadas] exerce sobre o receptor (AMARILHA, 2004, p. 18).

Quando a criança está passando por algum tipo de conflito e escuta uma história na qual as personagens vivem conflitos semelhantes ao seu, ela se identifica com aquela personagem e passa a vivê-la como se fosse ela mesma enfrentando os dilemas da narrativa; com isso, cria forças e se estrutura psiquicamente para resolver seus próprios conflitos.

É aí que os contos de fadas fornecem o que a criança mais precisa: começam exatamente onde a criança está emocionalmente, mostram-lhe para onde ir e como fazê-lo. Mas o conto de fadas o faz por implicação, na forma de material fantasioso que a criança pode moldar como lhe parecer melhor, e por meio de imagens que tornam mais fácil para ela compreender aquilo que é essencial que compreenda (BETTELHEIM, 1980, p.152-153).

No século XX, alguns psicólogos passam a interpretar conteúdos e personagens dos contos de fadas: “Como depósitos de um consciente e um inconsciente cultural coletivos, os contos atraíram a atenção de psicólogos e psicanalistas, entre os quais se destaca o renomado psicólogo infantil Bruno Bettelheim” (TATAR, 2004, p. 10).

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada que ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis. (TATAR, 2004, p. 33).

Para a psicanálise o que importante não é a origem dos contos, e sim os efeitos causados na criança; pois o apego das crianças em relação a essas histórias

é que tem o poder de tocar em questões relevantes para ela. No conto vivenciamos amostras de conflitos psicológicos e os seus significados. Von Franz ressalta:

Os processos psíquicos que envolvem os contos de fadas, sendo estes, portanto, exemplares para o conhecimento da mente humana. O conto de fada é em si mesmo, a sua melhor explicação, isto é, o seu significado está contido na totalidade dos temas que ligam o fio da história (VON FRANZ, 2008, p.29).

Corso e Corso (2006) afirmam que quando utilizamos o conto de fadas não estamos somente nos utilizando de algo aparentemente mágico, mas evocamos conteúdos inconscientes e, através desse processo, a criança depara-se com sentimentos escondidos ou desconhecidos para ela. De acordo com Bettelheim (2002), os contos agem diretamente no nosso inconsciente e despertam uma variedade de sentimentos como: raiva, dor, insegurança, indignação, orgulho, força, etc. Nossos conteúdos internos são projetados nas personagens dos contos com grande intensidade emocional, de modo que os contos nos auxiliam a organizar nosso pensamento e direcionam nossas ações na realização de conflitos. Bettelheim (2002) cita que os contos também mexem com o imaginário do adulto que os narra e fazem com que ele reviva seus sentimentos e emoções de sua infância. Radino (2001) complementa que, neste sentido, a magia dos contos se encontra justamente no ato de contar.

## 4.2 PRINCIPAIS PESQUISADORES

A analista junguiana von Franz dedicou seus estudos sobre o significado que os contos despertam no desenvolvimento psíquico das crianças. Von Franz (2002) destaca a simbologia arquetípica inserida nos contos de fadas. Arquétipos são definidos como “a estrutura elementar da psique” Jung (1976) apud Costa (2003). São conteúdos herdados representantes de um imaginário compartilhado e que toma parte de um inconsciente coletivo. Gutfreind (2003) lembra que Jung retratou em suas obras a importância dos contos de fadas no inconsciente. O austríaco Bettelheim, conforme Corso e Corso (2006), foi à pedra fundamental na obra psicanalítica no que respeita ao entendimento dos contos de fadas, mas cabe ressaltar que tais pesquisas foram antecedidas pelos sucessores de Jung.

Bettelheim (1980) garantiu às crianças a possibilidade de caminharem por um cenário seguro através do simbólico, e assim, de explorarem seus medos interiores e desejos proibidos. Ressalta a importância, atribuída por Bettelheim (1980), aos personagens do lobo e o da bruxa, significando expressões de agressividade e destrutividade do ouvinte, conteúdos introjetados no psiquismo infantil. Hisada (1998), ao longo da sua prática e obra, dedicou-se a sua aplicabilidade terapêutica centrada nos contos, e na sua importância na estruturação da personalidade. Gutfreind, (2003) psicanalista gaúcho, vem se dedicando ao amplo universo dos contos de fadas. Em seus escritos, demonstra sua experiência, resgatando contribuições de autores como Freud, Bettelheim e von Franz. Para esse autor, o conto é uma obra de arte pluralizada, por isso pode ser narrado em diferentes momentos e para diferentes crianças, pois cada uma delas terá um entendimento e significação para cada personagem. Gutfreind (2003) relata que o conto é indiscutivelmente, uma passagem segura para o inconsciente, e sinaliza uma mediada ao longo do processo psicoterápico.

A psicanálise, ao pesquisar a importância psíquica dos contos de fadas, evidenciou contribuições para o universo infantil, conforme nos conta Radino (2003). Para a comentadora, o conteúdo dos contos de fadas é um importante instrumento de acesso ao inconsciente e configura de forma dinâmica vivências inconscientes e infantis que nem sempre podem ser vivenciadas de modo direto, prescindindo-se de

um contato simbólico, na medida em que nem sempre essa criança tem um ego desenvolvido para conseguir enfrentá-los ou elaborá-los por si só. A magia dos contos é propícia por ser atemporal; oferece um universo simbólico para que os desejos inconscientes se expressem de maneira verbal, contribuindo com o ouvinte para amenizar e, quem sabe resolver, a problemática vivenciada pelo mesmo. Chauí (1984) apud Schneide e Torossian (2009) segue os mesmos pensamentos dos autores Bettelheim e Gutfreind em realizar a narração do conto no todo, inclusive ressaltando aspectos onde o mal vence a batalha - assim a criança pode se identificar com personagens como ogros, bruxas e madrasta, expressando suas questões agressivas no simbólico sem ferir ninguém na realidade.

Muitos contadores de histórias se limitam algumas partes dos contos por acreditarem que a criança ainda é muito nova para adentrar no mal, e isso prejudica a compreensão da essência do conto. Pois a magia do conto está em o bem vencer o mal, assim a criança percebe que ela pode resolver seu conflito com os personagens da história; se o contador retira o mal, não existe esse duelo e assim a criança não vê possibilidade de vencer seus conflitos. Segundo Chauí (1984) apud Schneide e Torossian (2009) quando o narrador modifica ou exclui as partes da história que ele acredita ser negativa para a idade da criança, na verdade ele teme ser classificado pela criança como o personagem mal. Esse temor é insignificante, haja vista que quando a criança projeta seus temores em personagens nem sempre está ligada a quem está narrando o conto.

As contribuições do psicanalista francês René Diatkine (1993), descritas por Souza (2005) e Gutfreind (2003), apontam que o autor pesquisou o deslumbramento exercido sobre as crianças pelos vilões dos contos infantis. Desta feita, enfatizou a necessidade da narração cumprir-se na íntegra, incluindo os aspectos agressivos, auxiliando, assim, a criança a reagir a situações desagradáveis e a resolver seus conflitos pessoais. Ensinar a criança a controlar seus medos e emoções através dos contos é protegê-la, afirma o autor. Postula que a evolução psíquica implica crises, passagens nas quais os contos e seu enredo desempenham papel de auxílio à criança no desenvolvimento de sua saúde mental.



## 5. CONTOS DE FADA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA

Como vimos, os contos de fadas exercem várias funções na psique do ouvinte, entre eles oferecendo uma via de comunicação com o nosso inconsciente; sendo assim, o conto exerce um caráter de ferramenta ao acesso do inconsciente no processo terapêutico por ser um instrumento lúdico e que facilita no desenvolvimento da psique infantil. Haja vista que no lúdico a criança projeta suas angústias no brincar.

Se no adulto, por vezes, preocupa-nos o silêncio excessivo, marca importante de um funcionamento depressivo, o equivalente na criança é sua capacidade de brincar e de inventar e divertir-se sem outra função ou ntido que não seja o prazer. (GUTFREIND, 2004, p.28).

Segundo Hisada (1998) desde sua origem os contos já exerciam função terapêutica. Em algumas comunidades os contos eram utilizados na medicina hindu como uma alternativa terapêutica para indivíduos que apresentavam problemas mentais. O objetivo das narrativas era de tranquilizar os pacientes e estimulá-los à meditação.

Na medicina tradicional Hindu, um conto personificando o problema particular de um cliente era oferecido para sua meditação. Supunha-se que, meditando sobre aquela história, a pessoa seria auxiliada a visualizar uma solução. Nesta concepção, a partir da trama de um conto específico, acerca de desesperos, esperanças e estratégias de seres humanos para vencerem suas atribulações, o ouvinte poderia descobrir um caminho criativo para encontrar consigo mesmo (PHILIPPINI, 2009 *apud* SOARES, 2011, p.27)

No conto nem sempre a história na sua totalidade é de fato importante para o universo inconsciente do ouvinte, pois pode haver passagens da mesma história que, no que diz respeito ao simbólico, poderão não ser dotadas de significados importantes para o ouvinte; assim como também existirão contos de fadas que só algumas passagens da história irão atingir o inconsciente.

Uma forma de trabalhar o conto, em suas implicações e aplicações educacionais e terapêuticas, é decodificá-lo identificando e registrando sua estrutura simbólica, que é constituída de mitologemas ou mitemas. Estes correspondem às pequenas parcelas do significado simbólico que compõem o todo da narrativa, e habitualmente são indicados pelas ações que atravessam a trama. Os contos clássicos, os contos de fadas e os contos maravilhosos podem apresentar dezenas de mitologemas, em uma mesma narrativa, o que oferece inúmeras possibilidades em termos simbólicos, mas

também torna muito mais complexo o estudo e identificação dessas estruturas (PHILIPPINI, 2009 *apud* SOARES, 2011, p.27)

Nos últimos anos os psicólogos infantis, têm utilizado os contos de fada como ferramentas terapêuticas para trazer à tona os sentimentos que muitas vezes a criança não tem estrutura para verbalizar ou elaborar psiquicamente.

Além disso, a verdadeira magia do conto de fadas reside em sua capacidade de extrair prazer da dor. Dando vida às figuras sombrias de nossa imaginação como bruxas, gigantes, “lobos maus”, os contos de fadas podem fazer aflorar o medo, mas no fim, sempre proporcionam o prazer de vê-lo vencido (TATAR, 2004, p.10).

Com o aumento da utilização dos contos de fada nas clínicas, as pesquisas sobre o tema vêm crescendo, certificando que a técnica realmente apresenta resultados positivos no acesso aos conteúdos inconscientes.

Basta olhar a quantidade de projetos ou pesquisas, em diversas áreas, estimulando a contação de histórias. Realizamos uma delas, durante vários anos, em Paris, quando foi possível observar a evolução favorável da vida psíquica de crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos franceses. As crianças apresentam melhora evidente em seus transtornos de conduta, mostrando-se, após a intervenção, mais capazes de expressar, de diferentes formas, o intenso sofrimento resultante da separação (GUTFREIND, 2004, p. 25).

Segundo Caldin (2004) o conto de fadas beneficia a introspecção das mensagens subliminares na psique do ouvinte. Através disso, a criança tem a possibilidade de refletir sobre suas emoções e enfrentá-las. O comentador menciona que como o conto apresenta problemáticas no campo universal à criança, esta percebe não estar sozinha com o seu problema, e então nota que a personagem passa pelos mesmos problemas e consegue superá-los. Isso facilita a criança a superar seus dilemas.

Os Contos de Fada como um instrumento de valor terapêutico deve-se ao fato de representarem um fenômeno universal, por serem oriundos do inconsciente coletivo desdobramentos da memória humana ancestral, o que vai facilitar a compreensão do psiquismo humano em sua trajetória de aperfeiçoamento e individualização. Os Contos de Fada apresentam-se com o mesmo conteúdo onírico encontrado nos sonhos e funcionam como fonte de sabedoria e entendimento do mundo obscuro do inconsciente. (PHILIPPINI, 1992, *apud* SOARES, 2011, p.17,18)

Os contos de fada produzem emoções imensuráveis ao ouvinte, e quando falamos no contexto terapêutico a criança vê ali a possibilidade de ser escutada, mesmo que no campo do imaginário, e assim, através do simbólico, pode encontrar a resolução dos seus conflitos internos.

Os Contos de Fada, por referirem-se basicamente ao processo de individuação, facilitam a descoberta da identidade e comunicação, e sugerem experiências que são necessárias ao desenvolvimento dos indivíduos. Os Contos de Fada declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance, apesar da adversidade – mas apesar se não houver intimidação com as lutas do Destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Os Contos de Fada claramente não se referem ao mundo exterior, embora possam começar de forma bastante realista e ter entrelaçados os traços do cotidiano. Mas depois se distanciam deste cotidiano, mergulhando num universo mágico e fantástico, o que se constitui em fator importante, porque deixa óbvio que a preocupação com os Contos de Fada não é uma informação útil sobre o mundo exterior, mas sobre os processos interiores que ocorrem num indivíduo. (PHILIPPINI, 1992, *apud* SOARES, 2011, p.18)

De acordo com Mainardi (2010), quando o ouvinte entra em contato com os contos de fada, nesse momento há um movimento arquetípico e, através desse movimento, surge a mudança psíquica necessária para enfrentar o dilema. Clarice Pinkola Estés, uma analista junguiana americana e contadora de histórias, assim elucida o papel simbólico e metafórico dos contos no psiquismo:

Os contos são como pequenos geradores que nos lembram de informações essenciais sobre a vida anímica – aquela que muitas vezes esquecemos por um tempo, com as quais perdemos contacto, algo que ocorre com frequência durante a vida. Um conto convida a psique a sonhar com alguma coisa que lhe parece familiar, mas em geral tem suas origens enraizadas no passado distante. Ao mergulhar nos contos, os ouvintes revêm seus significados, “lêem com o coração” conselhos metafóricos sobre a vida da alma. [...] Uma vez ativados, os contos evocam um subtexto mais profundo na psique, uma percepção que, através do inconsciente coletivo, chegou inata, seja antes, durante ou no momento em que a primeira brisa acariciou o corpo úmido do bebê recém-nascido do ventre materno”. (ESTÉS, 2005, p. 12).

Os contos de fadas tem em sua estrutura básica o enredo que ilustra bem a psique humana e o ouvinte, quando entra em contato com essa história, adentra ao nível do inconsciente coletivo até encontrar soluções para seus conflitos.

Portanto cabe ao terapeuta examinar minuciosamente o material simbólico e os Contos de Fada, sem idéias preconcebidas, poderá beneficiar-se da identificação com o príncipe, a princesa, o rapaz ou a menina, de cujo sofrimento participará e aprenderá com as soluções encontradas. Mesmo considerando-se que os Heróis de Contos de Fada são arquetípicos e por

isso não são inteiramente humanos, tem muito a ensinar sobre o processo de individuação através de suas aventuras, desventuras e confrontos com a adversidade (PHILIPPINI,1992, *apud* SOARES, 2011, p.2)

É importante que a criança escolha o conto, porque às vezes o conto não tem nada a ver com a demanda externa do ouvinte e dizem respeito a uma demanda latente que ainda se conserva inacessível ao terapeuta.

O conto tem função terapêutica porque facilita ao paciente encontrar sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido pode usualmente não ter nada a ver com a vida exterior do paciente, mas ter muito a ver com seus problemas anteriores, que parecem às vezes incompreensíveis e insolúveis. Os Contos de Fada são sugestivos, suas mensagens implicam em soluções, mas estas não são ostensivas. Há espaço para a fantasia e a interferência que cada um tira para si daquilo que a história revela sobre a natureza humana. (PHILIPPINI,1992, *apud* SOARES, 2011, p.20)

Bettelheim (2010) considera que ajudar a criança a enfrentar seus dilemas e conflitos psíquicos é uma das tarefas mais difíceis que existem. Para esse autor, uma das melhores ferramentas que pode ser utilizada é o conto de fadas, já que nessa idade a criança não está amadurecida suficientemente para enfrentar sozinha estes dilemas. A criança trabalha muito com o simbólico para representar suas angústias, por isso o conto de fadas é recomendado para o atendimento psicoterápico infantil. Quando a criança escuta o conto de fadas há uma transmissão de conteúdos entre as instâncias psíquicas consciente, pré-consciente e inconsciente. Na medida em que o enredo vai se passando, essa transmissão vai sendo submetida à verbalização, facilitando, assim, a resolução.

Nos contos de fadas as personagens sempre são aparentemente fortes e enfrentam seus problemas de frente, demonstrando equilíbrio psíquico, auto-estima, enfim, características necessárias para enfrentar qualquer tipo de problema. Segundo Von Franz (1980) os heróis dos contos de fada representam o funcionamento das instâncias psíquicas equilibradas, ou seja, um ego fortalecido que sempre estará pronto para enfrentar dilemas existenciais, conflitos psíquicos, enfim, problemas do cotidiano; por isso os contos são tão importantes para o ouvinte que está passando por alguma crise, pois esses heróis norteiam um caminho seguro para que os ouvintes possam caminhar. A autora considera extremamente importante para o ser humano ter um modelo de comportamento frente aos perigos para que o ouvinte possa se identificar e assim resolver seus conflitos. Através do

simbólico, os contos apresentam soluções para problemas que todos os seres humanos de uma forma ou de outra já passaram, ou irão passar. Ciúmes, discriminação, fome e etc, o diferencial do conto de fadas para outras alternativas terapêuticas que também representam a angústia do ser humano é exatamente o final feliz em que o personagem central vence o mal e vive um final feliz.

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação daquilo que a história *parece sugerir* acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida. O conteúdo do conto escolhido normalmente não tem nada a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e portanto insolúveis. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter traços do cotidiano inscritos nele. Torna evidente que o que interessa aos contos de fadas são os processos que têm lugar num indivíduo. (BETTELHEIM, 2010, p.36).

No conto de fadas o personagem central sempre vence o mal com o bem, com ato de bondade dela ou de outro personagem que a socorre, isso não impede que o personagem passe por momentos ruins, ou tenha desejos maldosos para aqueles que o fazem mal, no entanto no fim não é a emoção ruim que o faz ter um final feliz e sim a sua força de vontade de vencer e ter como consequência um final feliz.

Se as crianças expressam algum desejo no conto de fadas, esse desejo é só de coisas boas, e a sorte ou um bom espírito o satisfaz, indo freqüentemente além daquilo que mais desejaram. É como se o conto de fadas, admitindo que é humano sentir raiva, esperasse que apenas os adultos tivessem autocontrole suficiente para não serem arrebatados por ela, já que seus estranhos desejos coléricos se tornam realidade – mas os contos frisam as consequências maravilhosas para uma criança caso ela se empenhe num pensamento ou desejo positivo. A desolação não induz a criança do conto de fadas a ter desejos vingativos. Ela deseja apenas coisas boas, mesmo quando tem amplas razões para desejar coisas ruins para os que a perseguem. (BETTELHEIM, 2010, p.104).

Não se trata de uma apologia à ingenuidade infantil, ou mesmo de uma espécie de pensamento que se aproxima da auto-ajuda focalizando somente pensamentos bons para atrair coisas boas. Trata-se, nos contos, de uma resiliência do ego (herói) que se defronta constantemente com conflitos. Tornam-se o protótipo do psiquismo na medida em que a psique constantemente deve lidar com conflitos; tais conflitos, de acordo com a teoria junguiana, apresentam-se sobremaneira sob a forma de dualismos - bem e mal, bruxa e fada, etc. maniqueísmos à parte, os contos trazem à tona a condição atormentada humana,

sempre reticente frente aos dilemas e ditames. As implicações terapêuticas dos contos se dão quando o ouvinte encontra alternativas de soluções para a resolução de seus conflitos externos e internos. O conto faz com que o ouvinte reflita sobre as narrativas chegando assim há uma alternativa positiva para o enfrentamento do seu próprio problema. Os contos de fada estimulam mecanismos internos dos ouvintes a se desenvolverem, também evocam sentimentos adormecidos que podem atuar como geradores de angústia. Enfim, o conto é terapêutico na medida em que exerce uma função de tranquilizar o caos da psique, sob constante pressão dos complexos afetivos inconscientes.

A inclusão dos contos como um instrumento de valor terapêutico, deve-se ao fato de representarem em suas narrativas fenômenos universais, e por terem como fonte o inconsciente coletivo, apresentando evidências de uma memória humana ancestral, o que vai facilitar a compreensão da trajetória de aperfeiçoamento, evolução e individuação humana (PHILIPPINI, 2009, apud SOARES, 2011, p.80)

Soares (2001) enumera várias possibilidades de como os contos de fadas podem ser usados de uma forma terapêutica benéfica:

Apresentar gradualmente conflito x resolução; propiciar reflexões e *insights*; interação lúdica; ampliação da percepção pelo contato com questões arquetípicas e transculturais; contatar eventos comuns à dimensão humana; ativar o imaginário; favorecer o autoconhecimento, ativação e desenvolvimento da comunicação oral e criatividade (solução criativa) para variáveis adversas.(PHILIPPINI, 2009, apud SOARES, 2011, p.81)

O que percebemos nos contos de fada é que suas personagens sempre passam por dificuldades até chegar ao momento em que irá se sobre sair sobre o outro e vencer o mal. É como se as personagens fossem aprendendo a serem fortes, amadurecendo e possibilitando assim um equilíbrio psíquico. O conto é terapêutico justamente por isso, pois conforme o personagem vai amadurecendo e se tornando forte o ouvinte também vai vendo possibilidades de amadurecer e fortalecer seu ego para enfrentar os seus próprios problemas.

## 5.1 PRINCIPAIS PESQUISADORES

Bem, como vimos, o conto de fadas está presente na clínica analítica e psicanalítica como uma ferramenta terapêutica que permite à psique acesso a complexos afetivos e manejo dos conteúdos inconscientes. Nesse capítulo que se segue, é imprescindível mostrar alguns psicólogos e psicanalistas que têm trabalhado com o conto de fadas em diferentes demandas clínicas.

Segundo Chauí (1984) apud Schneide e Torossian (2009.) é filósofa e procurou entender os contos de fada através do olhar psicanalítico. A autora passou a estudar o conteúdo destes contos e trabalhar com crianças vítimas de abuso, e a partir desta experiência chega à conclusão que os contos contribuem para o fortalecimento psíquico do ouvinte, ajudando-o a vencer futuras dificuldades. Os contos de fada dão acesso a uma forma simbólica de apreender os desejos reprimidos através da fantasia, limitando sempre, no entanto, o ato sexual - pois nunca vemos sexo em contos de fada, a não ser de forma subliminar. Através do conto a criança tornava-se capaz de verbalizar o abuso e seus sentimentos decorrentes, utilizando-se, para tanto, a via simbólica.

Demais comentadores reforçam aquilo que já fora dito: Monaci (1990) ressalta o potencial dos contos de solução dos conflitos internos, fortalecendo sentimentos como os de motivação, confiança, contribuindo na geração de significado à vida. Ferreira (1991) verificou que, em pacientes hospitalizados, os contos auxiliavam na resiliência, facilitando o diálogo a respeito dos problemas aos quais eram acometidos. Posse (2004) apud Schneide e Torossian(2009) sob a perspectiva Junguiana, utiliza os contos na psicossomática, constatando a socialização entre paciente e terapeuta, o que contribui na verbalização da angústia e na diminuição do sintoma. Hisada (1998) apud Schneide e Torossian (2009) é um dos primeiros psicólogos a defender a utilização dos contos de fadas na clínica, tanto para crianças quanto para adultos. Sugere que as experiências infantis não trabalhadas na infância comprometem o desenvolvimento psíquico de adultos, tornando difícil para estes simbolizar e fantasiar - dificuldades que podem ser superadas através da utilização psicoterapêutica dos contos de fada. Costa (2002) utiliza os contos em

crianças câncer com vias à superação e alívio da angústia frente as batalhas e o desconhecido. Gutfreind (2003), inspirado no trabalho de grandes estudiosos franceses como Marie Bonnafé que trabalhou com famílias marginalizadas e Pierre Laffourge que trabalhou com contos em crianças com autismos, utilizou os contos de fadas em crianças com transtorno de conduta; com o passar do tempo encontrou resultados positivos, na diminuição dos comportamentos desviantes que as diagnosticavam como portadoras de transtorno de conduta: as crianças passaram a expressar e verbalizar suas angústias. Verificou-se que a grande maioria dos sintomas demonstravam de forma concreta a insatisfação devida à separação dos pais. Outro trabalho, realizado por Gutfreind na cidade de Porto Alegre apontou o mesmo êxito da utilização dos contos com crianças com dificuldade de aprendizagem.

Em termos gerais, os contos de fadas facilitam o relacionamento transferencial entre o paciente e o terapeuta. Ferro (1995) e Caldin (2005) apud Schneide e Torossian (2009) enfatizam que o narrador deve viver a história junto com ouvinte; assim, os dois podem dialogar sobre os contos, e é justamente nesse diálogo que o ouvinte irá verbalizar a sua problemática. Cyrulnik (2005) apud Schneide e Torossian (2009) utiliza dos contos de fadas na clínica pois acredita que através do conto de fadas a criança vai se estruturando emocionalmente e se fortalecendo para enfrentar seus problemas externos e internos, aliviando seus desejos e carências afetivas. Safra (2005) apud Schneide e Torossian (2009) sugere que os contos de fadas sejam aplicados na terapia quando o terapeuta sentir dificuldade em criar a vínculos transferenciais com os pacientes, em especial crianças. E em casos de dificuldades de simbolizar, os contos oferecem uma maneira muito positiva de instigar a imaginação do ouvinte. O autor aponta também que é bastante positivo para o andamento do processo terapêutico que os pais também contem histórias para seus filhos, contribuindo assim com o desenvolvimento da estrutura psíquica do ouvinte.

E, finalmente, uma experiência vivenciada por Schneider (2008) utilizando os contos em crianças com asma também se mostrou muito benéfica no autocontrole e alívio da angústia das mesmas. Dessa forma, a partir das experiências citadas, é possível verificar que os contos de fadas configuram-se ferramentas potenciais e



instrumentos eficazes no auxílio aos processos de identificação e estruturação simbólica do pensamento - uma forma criativa de auxiliar as crianças na resolução de suas dificuldades e na busca de movimento para seu mundo interno. Como menciona Gutfreind (2004, p. 25): “O potencial terapêutico de contar histórias é hoje incontestável”.

## 6. ANÁLISE DO CONTO DE FADA: O PATINHO FEIO

Toda a mãe projeta os seus desejos em seus filhos: “*ele é lindo*”, “*ele é fofo*”, “*vai ser médico*”, “*vai ser ator de novela*”, etc. Quando os filhos não correspondem a estas expectativas, a mãe tende a reproduzi-lo. Ou seja Forçá-lo diretamente ou indiretamente a ser o que ela deseja.

Na fantasia dos pais, qualquer dos filhos que tenham será perfeito e refletirá apenas o jeito de ser dos pais. Se a criança for rebelde, ela pode, infelizmente, ser alvo de repetidas tentativas dos pais no sentido de realizar uma cirurgia psíquica, pois eles estarão tentando remodelar a criança e, mais do que isso, alterar o que a alma da criança exige dela mesma. Embora sua alma exija ver, a cultura ao seu redor exige a cegueira. Embora sua alma deseje exprimir sua verdade, ela é forçada ao silêncio. (ESTÉS, 1994, p. 130).

O conto *O Patinho feio*, escrito em 11 de novembro de 1843 pelo escritor Hans Christian Andersen, relata a trajetória de um pato “herói” que foi discriminado, humilhado e rejeitado pela sua família por ser diferente. Este conto mostra o potencial dos contos de fada de não massificação, contrariando ao senso comum que pode ver atuante nos mesmos uma parcela normativa e moralizante, utilizando-se de ideais sociais na pedagogia infantil. Ao contrário desta visão, este conto mostra a busca por si mesmo, contrária às expectativas parentais. Tal busca tem a finalidade de apontar para o que a psicologia junguiana designa como compondo o *processo de individuação*, cujo objetivo seria de aproximar o indivíduo de sua própria verdade, de sua identidade real (*Self*), que não pode ser confundida com sua aparência e com o desempenho esperado do sujeito pela sociedade. Desta forma é essencial discorrer sobre as partes primordiais do conto, a fim de utilizá-las como análise terapêutica. Para tanto, utilizamo-nos da descrição oferecida por Clarice Pinkola Estés:

[...] E lá para os lados do rio, uma pata chocava uma ninhada de ovos. Tudo estava indo como deveria para essa mãe pata e, afinal, um a um, os ovos começaram a tremer e sacudir até que as cascas racharam e deles saíram cambaleantes seus novos filhotes. Restava, porém, um ovo, um ovo muito grande. Ele estava ali parado como uma pedra. [...] eles não são lindos? gabou-se ela. Mas o ovo ainda sem rachar chamou a atenção da velha pata, e esta tentou dissuadir a mãe de continuar a chocar aquele ovo. É um ovo de peru-exclamou a velha pata. Absolutamente não serve como ovo. [...] Afinal, o ovo grande começou a estremecer e a rolar. Acabou

quebrando, e dele saiu uma criatura grande e desajeitada. Sua pele era marcada por veias sinuosas azuis e vermelhas. Seus pés eram de um roxo claro. Seus olhos, de um rosa transparente. A mãe pata inclinou a cabeça, esticou o pescoço e o contemplou. Não pôde se conter: ele era feio mesmo. "Talvez seja mesmo um peru", preocupou-se ela. Contudo, quando o patinho feio entrou na água acompanhando os outros filhotes, a mãe pata viu que ele nadava muito bem. "É, ele é dos meus, apesar de ter essa aparência tão estranha. No fundo, porém, do ângulo certo... ele é quase bonito." Ele não é um engano disse a mãe pata. Ele vai ser muito forte. Foi só que ele ficou tempo demais dentro do ovo e ainda está meio deformado. Mas ele vai se recuperar. Vocês vão ver. Ela limpou com o bico as penas do patinho feio e lambeu seu topete. [...] A princípio, sua mãe o defendia, mas com o tempo até ela se cansou daquilo tudo. Como eu queria que você fosse embora exclamou exasperada. E foi assim que o patinho feio fugiu. [...] Perto do anoitecer, ele chegou a um pobre casebre. A porta estava pendurada de um barbante, e havia mais fendas do que paredes. Ali vivia uma velha esfarrapada com seu gato desgrehado e sua galinha vesga. O gato fazia jus a morar com a velha por apanhar camundongos. A galinha, por botar ovos. A velha achou que estava com sorte por ter encontrado um pato. Talvez fosse uma pata e também botasse ovos e, se não fosse, podemos matá-lo para comer. E assim o pato ficou, mas ele era perseguido pelo gato e pela galinha. Para que você serve se não bota ovos e não sabe apanhar camundongos? perguntavam-lhe os dois. O que mais gosto de fazer disse o patinho com um suspiro é ficar "debaixo", quer seja debaixo da amplidão azul do céu, quer debaixo do frescor azul da água. O gato não via nenhum sentido em querer ficar debaixo d'água e criticou o patinho pelos seus sonhos idiotas. A galinha não conseguia ver a graça de ficar com as penas molhadas e também debochou do patinho. No final das contas, ficou claro que aqui também não haveria paz para o patinho, e por isso ele partiu para ver se as coisas podiam ser melhores mais adiante. Ele encontrou por acaso um laguinho e, enquanto estava nadando, foi ficando cada vez mais frio. Um bando de aves passou voando lá em cima, as mais lindas que ele já havia visto. Elas gritaram para cumprimentá-lo, e ouvir suas vozes fez com que o coração do patinho saltasse e se apertasse ao mesmo tempo. Ele gritou de volta com uma voz que nunca havia emitido antes. Ele nunca havia visto criaturas mais lindas, e nunca havia se sentido mais desolado. Ele girou e girou na água para observá-las enquanto desapareciam nos céus e depois mergulhou até o fundo do lago e ali se aninhou, trêmulo. Estava fora de si por sentir um amor desesperançado por aqueles enormes pássaros brancos, um amor que ele não conseguia entender. Um vento mais frio começou a soprar e foi ficando cada vez mais forte com o passar dos dias. E a neve caiu sobre o gelo. [...] Um dia de manhã, o patinho se descobriu preso no gelo e foi aí que ele sentiu que ia morrer. Dois patos selvagens vieram voando e chegaram escorregando no gelo. Eles observaram o patinho. Como você é feio grasnaram. Que pena. É uma tristeza. Não se pode fazer nada por alguém como você. E saíram voando. Felizmente, um lavrador passou por ali e libertou o patinho quebrando o gelo com seu cajado. Ele levantou o patinho, abrigou-o no casaco e voltou para casa. Na casa do lavrador, as crianças quiseram pegar o patinho, mas ele teve medo. Voou até os caibros do telhado, fazendo com que toda a poeira caísse na manteiga. De lá de cima, ele mergulhou direto para dentro do balde de leite e, quando ia saindo todo molhado e grudento, caiu no barril de farinha de trigo. A mulher do lavrador saiu atrás dele com uma vassoura enquanto as crianças riam a mais não poder. O patinho saiu agitado pela porta do gato e, lá fora afinal, caiu quase morto na neve. Dali, ele se forçou a prosseguir até chegar a mais um lago, a mais uma casa, a outro lago, a outra casa, e o inverno inteiro transcorreu dessa forma, alternando entre a vida e a morte. [...] Como eram grandes e fortes as suas

asas. Elas o levaram bem para o alto acima da terra. Dos céus, ele via os pomares com seus mantos brancos, os lavradores arando, os jovens de toda a natureza saindo da casca, tropeçando, zumbindo e nadando. Também brincando na água do lago havia três cisnes, as mesmas criaturas maravilhosas que ele havia visto no outono; aquelas que lhe haviam causado um aperto tão forte no coração. Ele sentiu um impulso de se unir a elas. E se fingirem que gostam de mim, e depois, assim que eu me aproximar, saírem voando às risadas? Pensou o patinho. Ele desceu planando e pousou no lago, com o coração batendo forte. Assim que o viram, os cisnes começaram a nadar na sua direção. Sem dúvida, estou a ponto de encontrar meu fim, pensou o patinho, mas, se tenho de ser morto, melhor que seja por essa lindas criaturas do que pela mão de caçadores, donas de casa ou longos invernos. E abaixou a cabeça para aguardar os golpes. Que surpresa! Na imagem na água ele viu um cisne em traje a rigor: plumagem branca como a neve, olhos escuros e tudo o mais. O patinho feio a princípio não se reconheceu porque era exatamente igual aos belos estranhos, igual àqueles que ele havia admirado de longe. E acabou se revelando que ele era um deles no final das contas. Seu ovo por acaso havia rolado para um ninho de patos. Ele era um cisne, um cisne magnífico. E pela primeira vez sua própria família se aproximava dele, tocando-o com cuidado e carinho com as pontas das asas. Eles lhe limpavam as penas com seus bicos e nadaram muito ao seu redor para cumprimentá-lo. (ESTÉS, 1994, p. 125 – 128).

Segundo Corso e Corso (2002) *O Patinho feio* foi uma das histórias que mais perdurou em todos os tempos, pois o conto simboliza de uma maneira bem clara a angústia de ser rejeitado pela família, amigos e comunidade.

Pazinato (2008) analisou o conto patinho feio e chegou à conclusão que seu autor, Andersen, projetou todos os seus conflitos internos no conto. O autor sofreu durante a sua vida discriminação devido à sua postura, que não era muito comum na época. Ao escrever o conto, talvez o autor jamais pudesse imaginar que os seus conflitos internos pudessem aliviar questões inconscientes de tantas crianças, durante várias gerações. Crianças que passam por abandono, solidão, a não aceitação social, ou por qualquer tipo de não aceitação, veem na personagem *patinho feio* um Herói que pode ajudá-las a enfrentar seus conflitos.

*O patinho feio* foi recontado durante várias gerações e de formas diferentes, respeitando a singularidade de cada um que repassava o conto. No entanto, o seu significado em nada mudou desde a sua publicação. Segundo Estés (1994) o dilema do pato está em encontrar a sua prole; este conto nos incentiva a encontrar a nossa comunidade que nos aceite da forma que somos e não da forma de como somos projetados pelos outros, e que para que isso aconteça devemos enfrentar

sentimentos como rejeição e angústia para que, no fim, possamos ter o nosso lugar ao sol.

Conforme Estés (1994), quando a criança começa a se sentir isolada precocemente ela sofre uma ferida na sua estrutura psíquica, começa a acreditar que ela não faz parte daquele grupo e passa a se empossar dos adjetivos negativos a ela destinados. Conforme vimos, a família e a comunidade de um modo geral passaram a maltratar o patinho por ser diferente do grupo. O patinho passa a acreditar que ele seja mesmo feio, e foge. Para von Franz (1994) apud Costa (2003) quando fugimos para longe significa que estamos em busca de nos aproximarmos do nosso inconsciente, e para que isso aconteça precisamos nos isolar. Aquilo que nos incomodava externamente é sublimado, e assim começamos a resolver nossos conflitos internos e damos a oportunidade de vivenciar o nosso verdadeiro eu (*Self*).

Durante a sua fuga, o patinho encontra diversos personagens que continuam a maltratá-lo. No entanto, alguns personagens tentam lhe ajudar, mas como o pato não mais acreditava na bondade dos outros, não aceitava a ajuda, confundido-a com um gesto de ameaça.

Costa (2003) realizou uma intervenção terapêutica utilizando o conto do *Patinho feio* em um paciente que apresentava dificuldade em aceitar a nova escola, e se sentia diferente do grupo, passando a ter várias crises de choro. O conto do *patinho feio* coube perfeitamente na realidade do paciente: a não aceitação do novo grupo fez com que o paciente se identificasse com o conto e se perguntasse como ele conseguiu, diante de tantas dificuldades. Esse é o papel que o conto pode criar uma identificação do herói com a realidade do paciente, e assim fazer com que ele acredite que também possa vencer.

Através dessa referência, foi possível perceber uma identificação feita por Paulo. Ele também se sentia assim. Ele também tinha que ficar naquela sala de aula, se esforçando para não ser absorvido pelos outros alunos, os quais ele considerava superiores. Todavia já estava exausto, se sentia sozinho e por isso pediu socorro, dando início aos sintomas de esquiva da escola e choro constante. (COSTA, 2003, p. 59).

Nem sempre possuímos uma boa estrutura psíquica para enfrentar nossos medos. Muitas vezes precisamos nos apegar a algo que possamos projetar nossas angústias e medos.

Fazendo uso da linguagem simbólica característica dos contos de fadas e utilizando-se do patinho como a personagem na qual projetava todas as suas dúvidas e inseguranças, [...] foi encontrando respostas e possibilidades de enfrentamento para os seus problemas. Pouco a pouco, [...] foi se tornando autor de sua vida. A possibilidade de lidar com a realidade, a partir do jogo simbólico, já estava instaurada e ele já podia lidar com o mundo real de forma mais segura. (COSTA, 2003, p. 61).

Através do conto, o paciente conseguiu vencer seus medos e se adaptar a sua nova realidade.

No fim o patinho feio encontra a sua verdadeira família e vive feliz para sempre. Mais que a família, o que o patinho feio procurava alguém que o aceitasse da forma que ele era.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho vislumbrou a utilização heurística dos contos de fadas na psicoterapia. A história da utilização teórica dos contos de fada na literatura analítica e psicanalítica compôs o corpo desta monografia, e pretendeu apresentá-los em seu desenvolvimento histórico: de construções literárias para o uso adulto para um vínculo ao mundo infantil, quando as narrativas adquiriram novas roupagens. De simples histórias, os contos passaram a ser considerados pela psicanálise como instrumentos importantíssimos para acessar os conteúdos e desejos inconscientes, conteúdos estes que os ouvintes, em sua maioria, tinham dificuldades de acessar em sua parcela simbólica.

O encantamento das crianças pelos contos de fada os valida para a utilização psicoterapêutica e lúdica, tomando parte da dimensão de criatividade e imaginação do mundo infantil. Diante das crises e problemas existenciais vividos pelas personagens, a criança cria uma forte afinidade, correspondendo-lhes suas necessidades e projetando nelas suas angústias e desejos inconscientes. Movidas pela superação das personagens, passam a renovar-se de esperança, vislumbrando brechas de atuação onde só havia uma angústia difusa.

A partir da revisão bibliográfica no âmbito da psicologia analítica e da psicanálise, vimos o potencial dos contos de fada de atuarem como ferramentas psicoterapêuticas capazes de elucidar os complexos afetivos dos pacientes, em especial das crianças - pois estas apresentam um grau de maturidade menor que os adultos que pode contribuir na dificuldade em verbalizar sentimentos. Com vistas a sanar esta dificuldade de apreensão e externalização simbólica, o lúdico e o simbólico instigados por meio dos contos podem atuar de forma psicoterapêutica.

Diante da pesquisa bibliográfica realizada, os apontamentos consagram a eficácia heurística do uso dos contos de fada. O contexto histórico que aqui teve vez corroborou para demonstrar a eficácia da utilização psicoterapêutica dos contos de fada na clínica analítica e psicanalítica, consagrando uma prática que vem conquistando seu espaço na clínica.

## 8. REFERÊNCIAS:

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas.** 16. ed. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 2002.

CASHDAN, S. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas:** como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Tradução por Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil:** Teoria Análise Didática. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã:** psicanálise nas histórias infantis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, I. ; BAGANHA, F. **Lutar para dar um sentido à vida:** os contos de fadas na educação de infância. 2. ed. Rio de Janeiro: Asa, 1991.

COSTA, C. L. Câncer infantil: a realidade da doença na fantasia dos contos de fadas. **Acta Oncológica Brasileira**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 292-94, 2002.

COSTA, P. F. A. **Os Contos de fadas:** de narrativas populares a instrumento de intervenção. 2003. 72f. Dissertação (mestrado em letras) - universidade vale do rio verde de três corações, Minas Gerais, 2003.

COSTA, J.; SANTOS, M.; VIDIGAL, M. (2005). **Era uma vez...** (Atelier de expressão dramática de contos infantis). In J. Vidigal et al. (Ed.), *Intervenção Terapêutica em grupos de Crianças e Adolescentes* (pp. 73-101). Lisboa: Trilhos Editora.

ESTES, C. P. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS:** Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 125 – 149.

FERREIRA, M. P. Contos de fada como atividade terapêutica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, cidade, v. 40, n.4, p. 160-162, 1991.



VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. 7. ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2008.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira. 1991.

GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LIMA, T. A. C. A função simbólica das histórias infantis e as fantasias inconscientes. 2000. Disponível em: <<http://www/psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrD=266>>. Acesso em: 3 ago. 2013

MATTAR, R. R. **Os contos de fadas e suas implicações na infância**. 2007. 43f. monografia (graduação em pedagogia) – Faculdade de ciências da UNESP, São Paulo, 2007.

MENEZES, R. L. C; SILVA, R. C. M. P. **O conto de fadas como instrumento mediacional na clínica psicológica com crianças**. 2000 Disponível em <<HTTP://www.gelne.org.br/site/arquivotrab/693-artigorenatamenezes.pdf>>. Acesso em: 1 agosto. 2013.

MONACI, E. M. (1990). Mitos, contos, lendas e fábulas: fantasia versus realidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**.v.2, n.2,p. 42-54, 1991.

OLIVEIRA, C. M. **Presença da fada madrinha nas versões do conto Cinderela**. 2001. Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/contosde fadas.html>> Acesso em: 19 set. 2013.

OLIVEIRA, C. **Livros e Infância** [online]. 2002 Disponível em: <<http://graudez.com.br/litinf/livros.htm>> Acesso em: 02 ago.2013

OLIVEIRA, F. O. Contos de fada. **Revista de Psicologia Plural**, São Paulo. v. 5, p. 13-16, 1993.

PAVONI, A. **Os contos e os mitos no ensino**: uma abordagem junguiana. São Paulo: EPU, 1989.

RADINO, G. **Contos de fadas e a realidade psíquica**: A importância da fantasia no desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANTOS, S. M. O. **Os contos de fadas e o processo de individuação das crianças**. 2011. 121f. Monografia (especialização em arteterapia). Pomar, Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, F. R. **Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia**: Utilização de contos de fadas. 2011. 86f. Dissertação. (Mestrado em psicologia clínica) – Instituto de psicologia da universidade de são Paulo, São Paulo, 2011.

SOUZA, M. T. C. C. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. **Boletim de Psicologia**, Rio de Janeiro v. 55, n.123, p. 1-22, 2005.

SCHNEIDER, R. E. F. **Oficina de contos de fadas**: Uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque winnicottiano. 2008.166f. Dissertação (mestrado em psicologia) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande Do Sul, 2008.

SCHNEIDER, R.E. F; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Revista Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009 Disponível em: [http://www.cepetin.com.br/pdf/eraumavezna\\_educacao\\_infantil.pdf](http://www.cepetin.com.br/pdf/eraumavezna_educacao_infantil.pdf). Acesso em 1 ago.2012

TATAR, M. **Contos de Fadas** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 385.

TANOUYE, M. **A importância dos contos de fadas na formação da personalidade**. 2000 Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=685> Acesso em: 23 out. 2012.